LISBOA — SABADO, 9 DE ABRIL DE 1921

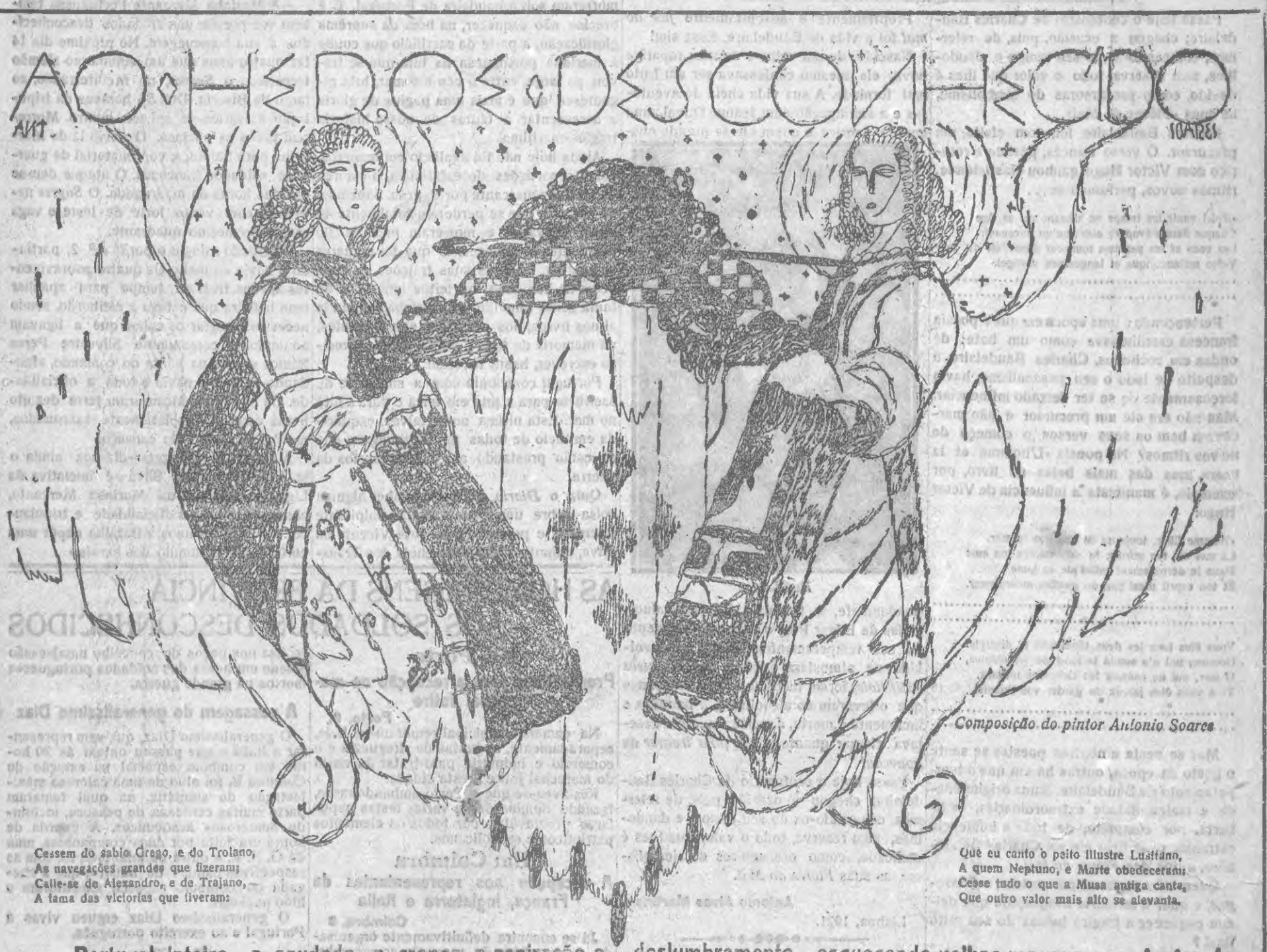
Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 3 — 10 CENTAVOS

Telefone 5213 (C.) — Endereço telegrafico DIBOA

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção e Administração
RUA DO CARMO, 90, 2.º
Composição: R. do Mundo, 57. Impressão: R. da Atalaia, 114



Composição do pintor Antonio Soares

Cessem do sabio Grego, e do Troiano,
As navegações grandes que fizeram;
Calle-se de Alexandro, e de Trajano,
A fama das victorias que tiveram:

Que eu canto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno, e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

Portugal inteiro — a saudade, a crença, a aspiração e o deslumbramento — esquecendo velhas magoas que, dentro de nós, choram, como um pecado de amor, nas lages frias de um claustro, assume a sua velha alegria heroica e faz alas, para vêr passar os dois bravos que, de tanto acreditarem na sua patria, amorosamente se sacrificaram por ela.

No livro em que a raça encontrou a mais alta expressão do seu orgulho de vencer, Camões assinalou o nosso destino. Todos os gestos belos, todas as acções em que palpita um sopro de eternidade, tem o ritmo, o arrojo epico das estancias dos "Lusiadas".

Os dois soldados desconhecidos, que amanhã hão de chegar ao Regio Templo da Vitória, afim de receberem a benção dos reis e infantes que lá repousam ha tantos, tantissimos anos, deixam de pertencer á humanidade fragil e passageira que o tempo destroe e apaga, para religiosamente, intimamente, se ligarem ás nossas memorias.

Na guerra perderam o seu ser, o seu nome, a lembrança de Portugal, como se houvessem de baixar ao esquecimento, quais corpos que das torturas de um naufragio desceram sem remedio ás profundidades misteriosas do oceano.

A nova justiça que preside aos movimentos da historia reatribuiu-lhes uma outra vida: resurgiram na essencia immortal da sua bravura. E eles que são anonimos vão encontrar jazida no mais nobre monumento da nossa terra. Para se justificarem, só apresentam o testemunho eloquente das suas feridas. Que importa!

D. João I e os outros geniais obreiros da dinastia de Aviz não se acharão diminuidos na sua gloria, porque para eles sempre o merito, o talento e o valor foram uma realeza.

UM CENTENARIO

Charles Baudelaire

9 de Abril 1821—9 de Abril 1921

Propriamente e absolutamente FLOR DO MAL, foi a vida do grande poeta

Passa hoje o centenario de Charles Baudelaire; chegou a ocasião, pois, de relermos, colocando-as no seu tempo e dando-lhes, sem reserva, todo o valor que lhes é devido, como precursoras do simbolismo, as suas «Flôres do Mal».

Charles Baudelaire foi, com efeito, um precursor. O verso francês, pesado e retorico com Victor Hugo, ganhou elasticidade, ritmos novos, perfumou-se...

«Voici venir les temps ou vibrant sur sa tige
Chaque fleur s'évapore ainsi qu'un encensoir
Les sons et les parfums tournent dans l'air du soir
Valse mélancolique et langorreux vertige!
.....
.....

Pertencendo a uma epoca em que a poesia francesa carrilhonava como um bater de ondas em rochedos, Charles Baudelaire, a despeito de todo o seu pessoalismo, havia forçosamente de se ter deixado influenciar. Mas não era ele um precursor e não marcavam bem os seus versos o começo de novos ritmos? Na poesia «L'homme et la mer», uma das mais belas do livro, por exemplo, é manifesta a influencia de Victor Hugo:

«Homme libre, toujours tu chériras la mer.
La mer est ton miroir; tu contemples ton ame
Dans le déroulement infini de sa lame
Et ton esprit n'est pas un gouffre moins amer.
.....
.....
Vous êtes tous les deux ténébreux et discrets:
Homme, nul n'a sondé le fond de tes abimes,
O mer, nul ne connait tes richesses intimes,
Tant vous êtes jaloux de garder vos secrets!
.....
.....

Mas se nesta e noutras poesias se sente o gosto da epoca, outras ha em que o temperamento de Baudelaire, duma originalidade e maleabilidade extraordinarias, se liberta, por completo, de toda a influencia estranha, para ficar ele só, Charles Baudelaire, autor das *Flôres do Mal*.

Quem não conhece, porventura, a *Charogne*, e qual a memoria desgraçada que deixou esquecer a tragica belesa do seu grito final?

.....
.....

Alors ô ma beauté! dites a la vermine
Qui vous mangera de baisers,
Que j'ai gardé la forme et l'essence divins
De mes amours décomposés!

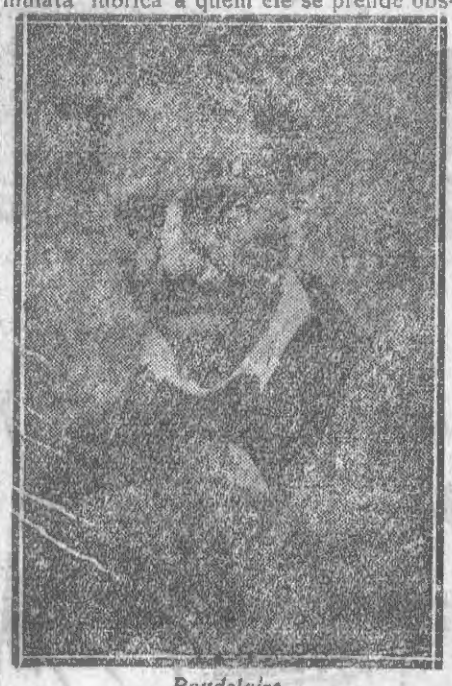
O temperamento de Baudelaire—nervoso e sensual, sensivel e delicado—está dado todo no seu livro, e basta isso para que seja considerado como um poeta maximo. Todavia, mais alguma coisa concorre, felizmente, para que assim o consideremos: a perfeição admiravel da sua fórma. Baudelaire foi, no seu tempo, um supremo artista.

Lorsque tu dormiras, ma belle ténébreuse,
Au fond d'un monument construit en marbre noir,
Et lorsque tu n'auras pour alcôve et manoir
Qu'un caveau pluvieux et qu'une fosse creuse;
.....
.....

Mas o que mais espanta nas *Flôres do Mal* é a bela tecitura das nuances, a variedade de sensações, a maneira inconfundivel como Baudelaire soube dar-nos as suas horas divinas e as suas horas satanicas. Embora o livro termine com uma oração a Santa Maz, na lira de Baudelaire coube, por vezes, o sorriso de Deus. D'ai o não serem tão más, como ele supunha, as suas *flôres do mal*.

Propriamente e absolutamente *flor do mal* foi a vida de Baudelaire. Essa sim!

Nascido de um velho e de uma rapariga nova, ele mesmo confessava ser um fruto mal formado. A sua vida cheia de aventuras e a sua ligação com Jeanne Duval, uma mulata lubrica a quem ele se prende obs-



Baudelaire

tinadamente, a tradução das obras alucinadas de Edgar Poe, o destrambelhamento do seu temperamento, criado e desenvolvido na atmosfera opiante dos *Paraisos Artificiais*, foram factores importantissimos que o levaram ao alcoolismo, á paralisia e finalmente á morte, á morte a que ele desejava chegar quanto antes, *pour trouver du nouveau!*

Passa hoje o centenario de Charles Baudelaire; chegou a ocasião, pois, de relermos, colocando-os no seu tempo, e dando-lhes, sem reserva, todo o valor que lhes é dedicado, como precursores do simbolismo, as suas *Flores do Mal*.

Antonio Alves Martins

Lisboa, 1921.

DR. ALEXANDRE BRAGA

Os seus restos mortais ficaram hoje depositados na Camara Municipal

A trasladação dos restos mortais do sr. dr. Alexandre Braga, realizou-se hoje, pelas 11 horas, da Avenida 5 de Outubro para a Camara Municipal. O funeral foi muito concorrido, vendo-se alguns estandartes de centros republicanos e corôas oferecidas por varias agremiações.

A urna ficou depositada numa das salas da Camara Municipal armada em camara ardente, tendo ao meio o busto da Republica, envolto em crepes. No atrio da Camara Municipal, notámos o sr. dr. Afonso Costa, que foi muito cumprimentado; José Beça de Carvalho, representante do presidente da Republica; dr. Bernardino Machado; Abilio Marçal, presidente da Camara dos Deputados; Correia Barreto, presidente do Senado; Helder Ribeiro, dr. Antonio Granjo, etc., etc.

Quando o sr. dr. Afonso Costa sahia dos Paços do Concelho, o povo que acompanhava o enterro do sr. dr. Alexandre Braga, fez-lhe uma delirante ovação, que se prolongou por alguns minutos. O sr. Afonso Costa visivelmente comovido entrou para o automovel, que a multidão cercou, vitoriando freneticamente o seu nome.

HEROIS DO MAR

A marinha mercante

Não deve ser esquecida

Perdemos 40 navios a vapor e tivemos mais de 200 mortos

A hora que passa é de enternecida saudade pelos nossos mortos da guerra. São poucas todas as homenagens que a alma nacional consagra á memoria daqueles que morreram sob a bandeira de Portugal. E é preciso não esquecer, na hora da suprema glorificação, a parte de sacrificio que coube á marinha portuguesa na luta que se travou ao largo, entre o céu e o mar, luta gigantesca que é mais uma pagina de gloria a acrescentar a tantas da nossa historia tragico-maritima.

Ainda hoje não foi avaliado em numeros, pelas repartições de estatistica, o esforço da marinha mercante portuguesa. Sabemos, no entanto, que se perderam totalmente 40 navios a vapor e morreram mais de 200 tripulantes e oficiaes. O que foi a guerra submarina, com as suas traições, os seus actos de heroismo, os feitos ignorados de tanta gente humilde da marinhagem, anda ai nos livros, nos olhos dos sobreviventes, na memoria de toda a gente. Nem é preciso escrever, basta recordar.

Portugal contribuiu com a sua parte de sacrificio para a luta em terra e para a luta no mar. Esta ultima anda, talvez, esquecida em meio de todas as homenagens que se estão prestando aos nossos mortos da guerra.

Quiz o *Diario de Lisboa* saber alguma coisa sobre um assunto de tão palpitante interesse e procurou o sr. José Vicente da Silva, adjunto do capitão chefe dos Transportes Maritimos do Estado, que durante a guerra andou no mar, onde o perigo era maior. O bravo marinheiro declarou-nos em palavras simples:

—A Marinha Mercante Portuguesa tambem vae prestar aos soldados desconhecidos a sua homenagem. No proximo dia 14 faz quatro anos que um submarino alemão torpedeou o *Sagres*, no Mediterraneo, ao largo de Biserta. Dos 51 homens da tripulação salvaram-se apenas quatro. Morreram todos os oficiaes. O navio ia de Marselha para Salonica, com material de guerra e soldados francezes. O ataque deu-se ás duas horas da madrugada. O *Sagres* navegava com vento forte de leste e vaga grossa do mesmo quadrante.

O torpedo atingiu o porão n.º 2, partindo o navio ao meio. Os quatro sobreviventes apenas tiveram tempo para apanhar uma balieira que estava a estibordo, sendo necessario cortar os cabos que a ligavam ao navio. O comandante Silvestre Peres Ramos estava na ponte do comando, afundando-se com o navio e toda a oficialidade. Os naufragos alcançaram terra dezoito horas depois, completamente extenuados, mortos de fome e de cansaço.

A nossa homenagem—diz-nos ainda o sr. José Vicente da Silva—é iniciativa da Liga dos Oficiais da Marinha Mercante, abrangendo toda a oficialidade e tripulantes. No dia 14 vamos á Batalha depôr uma corôa sobre o tumulo dos herois.»

AS HOMENAGENS DA PROVINCIA AOS SOLDADOS DESCONHECIDOS

No Porto

Preparativos para a recepção ao marechal Joffre

Porto, 9.

Na camara municipal reuniram-se hoje, separadamente, as juntas de freguezia e o comercio e industria para tratar da visita do marechal Joffre a esta cidade.

Resolveu-se que o Porto embandeirasse, fazendo iluminações e varias festas populares promovidas por todos os elementos patrioticos e republicanos.

Em Coimbra

A recepção aos representantes da França, Inglaterra e Italia

Coimbra, 8

Já se encontra definitivamente organisado o programa da recepção ao marechal Joffre e aos representantes da Inglaterra e Italia que chegam a esta cidade no proximo dia 15.

Após a sua chegada á estação do caminho de ferro organisa-se um cortejo que os conduzirá á Camara Municipal, onde serão dadas as boas-vindas aos ilustres visitantes, seguindo para a Universidade, onde se realisa um jantar intimo. No atrio da Camara Municipal as crianças das escolas cantarão a «Marselheza». A' noite sarau de gala no teatro Avenida.

Dia 16: Visita á Sé Velha, Santa Cruz, Museu Machado de Castro, etc.; sessão solene na Universidade e á noite banquete na Universidade.

Dia 17: Almoço no Bussaco e regresso a Lisboa.

No dia da chegada dos ilustres representantes dos paizes aliados as tropas postar-se-hão da estação do caminho de ferro até aos paços municipaes.

O marechal Joffre ficará instalado na Universidade e os generaes inglez e italiano no Governo Civil.

As homenagens aos heroes

A cidade de Coimbra começou hoje a render a sua homenagem aos heroicos soldados desconhecidos.

A's 12 horas a bandeira nacional foi hasteada em todos os edificios publicos, repicando festivamente os sinos das torres da cidade.

Nos paços do concelho

No dia 9 de abril a Camara Municipal realisa nos paços do concelho uma sessão solene em honra dos soldados portugueses mortos na grande guerra.

A passagem do generalissimo Diaz

O generalissimo Diaz, que vem representar a Italia e que passou ontem ás 20 horas em comboio especial na estação de Coimbra B, foi alvo de uma calorosa manifestação de simpatia, na qual tomaram parte muitas centenas de pessoas, incluindo numerosos academicos. A guarda de honra era feita por duas companhias, uma da G. N. R. e outra de infantaria 23, com as respectivas bandas de musica, que á chegada do comboio especial executaram o hino nacional.

O generalissimo Diaz ergueu vivas a Portugal e ao exercito português.

Em Braga

A récita de gala no teatro-circo

Braga, 8.

A'manhã realiza-se no teatro-circo um espectaculo de gala dedicado aos herois de La Lys, sendo representada a peça o «Expedicionario».

Nas escolas

As escolas de Braga realizam sessões solenes, onde será feito o elogio da raça e a explicação do esforço dos gloriosos portugueses que se bateram nos campos da Flandres e da Africa.

Nas egrejas

Em varias egrejas e capelas, não só desta cidade como dos concelhos, celebram-se missas com «Libera-me» pela alma dos mortos do 9 de Abril.

Em Alter do Chão

O cumprimento do programa oficial

Alter do Chão, 8

Para comemorar os Herois Desconhecidos, e em harmonia com o programa oficial, todos os edificios publicos, ontem ao meio dia, hastearam a bandeira nacional e repicaram os sinos da camara municipal.

—A camara municipal faz-se representar na homenagem aos Soldados Desconhecidos pelo sr. presidente da camara de Leiria.

Ao soldado desconhecido

Versos para a aluna da Universidade de Lisboa, D. Brigida Lopes Ferreira, recitar na sessão soléne de hoje.

Hoje que partiste, meu Soldado obscuro,
Para a vida eterna da Ressurreição,
—Morto que, na morte, vias o Futuro,
E, pelo Futuro, déste o coração...

Hoje que passaste sob o palio ardente
D'almas enlaçadas pelo teu ideal,
—Meu Heroe sem nome que o não tens sómente
Para que o teu nome seja: Portugal!...

Hoje que um Rei justo, de épica memoria,
No seu templo acorda, como adivinhando
Que uma gloria gemea busca a sua gloria
—Pois sua vitória quer outra vitória,
Para o sonho ingente que ficou sonhando;

Hoje que no himno do teu Povo, cabe
Toda a luz, em onda, todo o amor, em mésse
—Que palavras dignas do teu gesto sabe
Minha voz tremendo, numa anciosa prece?

Só os que morreram como tu, perdidos
De vertigem louca, de infinito horror,
E, na crueldade, foram redimidos
Pelo amor da Patria, que é o teu amor;

Só aqueles homens que em ardôr fecundo
Eram, no Passado, teus avós—e irmãos
E traziam, calmos, para dar ao mundo
Outro mundo novo, preso em suas mãos;

E esses que, tão velhos como a propria Raça,
Pela vez, primeira, contra o inimigo,
Na montanha adusta de severa graça
Erguem o seu berço, fundam nosso abrigo;

Poderão falar-te frente a frente, olhar
—Sem o humilde pejo que nos curva a fronte—
O teu vulto grande—sombra a fulgurar—
Com seus grandes vultos caminhando a par
—Fachos que resplendem, astros no horizonte!

Eles vão seguindo pelo teu caminho
Teus iguais no sonho, teus iguais na fé,
Teus iguais no génio de lutar sosinho,
Teus iguais no orgulho de morrer de pé.

Eles vão seguindo, num cortejo alado,
Faces de energia, corações liais;
E um Poeta pobre, como tu soldado,
Clama-te a epopeia dêsses imortais!

Um, mais do que os outros, a estatura forte,
Fraternal, debruça sobre o teu caixão...
Tem o riso claro de quem ri da morte,
Tem a audacia ingenua duma aspiração.

Viriato—é ele!...—vem dizer-te, Amigo,
Que sentiu pulsando no seu corpo rude,
Esse mesmo anceio que viveu contigo,
Esse mesmo ritmo de fiel virtude.

Ritmo de certeza, dentro em nós batendo,
Desde que o seu vivo fogo luzitano,
Já na serra agreste se abrazava, tendo
Como espelho docil o longiquo Oceano.

Desde que, radiosa no futuro em bruma,
Via a aldeia fruste que o levára á guerra,
Transformar-se um dia, sobre a flôr da espuma,
Numa nau correndo toda a imensa Terra!

Desde que, gigante de serenidade,
Um contra quinhentos, rigido e feroz,
A semente de homens que é a liberdade
Semeou na Patria, mãe de todos nós...

O Porvir chamava-o, luz já presentida,
Como te chamava, num fervor que exalta...
—Ele á Raça abria seu lugar na vida,
—Tu na Raça erguias sua fé mais alta.

E' por isso que hoje vai no teu cortejo
Seu austero vulto, cujo porte assombra:
—Com a alma acesa num clarão de beijo,
Com um beijo estoico para a tua sombra...

Ele é que sustenta no seu imo peito
A paixão votiva do teu povo, Heroi!
Ele é que murmura—prece de respeito—
Nosso amor supremo, que sublima e doi.

E ele é que, pairando como a aza aberta
Dessas aguias nobres entre as quais lutou,
Te conduz ao Templo da vitória certa,
—Da vitória que hoje, triunfal, disperta
No teu gesto ignoto, que a ressuscitou!

João de Barros

O «Diario de Lisboa» honra-se, publicando estes formosos versos que o autor do «Anteu», escreveu num rasgo de eloquencia. João de Barros, que é um dos nossos colaboradores, tem a paixão e o culto perfeito do mar e da terra de Portugal, sendo toda a sua obra um grande apelo ao heroismo lirico e epico da raça.

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

LIVROS E BONECAS

Eu gosto de livros como as mulheres gostam de bonecas. Os livros são as minhas bonecas, bonecas com olhos negros nas parangonas dos titulos, vestidas de amarelo, maquilhadas de tinta de imprensa...

Quando chega um livro novo demoro-me em frente á *vitrine*, a contemplá-lo com olhos de bébé, olhos ansiosos, olhos *apaches* a preparar o golpe... Não resisto muito tempo. Entro na livraria, compro o volume, levo-o para casa, deito-o sobre as minhas mãos, a ver o que êle faz, se diz papá, mamã, se diz amor, se diz paixão, se diz tragedia... Febril, excitado, nervoso, desmancho-o, descomponho-o, rasgo-lhe as folhas—folhos da saia—beijo-lhe as letras com os olhos, mordo com volupia, os pontos dos i i—bicos dos seios, arremesso-o, enfim, para o lado, exausto, desiludido, avido de outras bonecas, de outros livros...

Na verdade, nada ha mais semelhante a um livro do que uma boneca. Tanto nesta como naquele, se procura uma sintese, se tenta miniaturar a vida. Os livros, as bonecas, todos os bonecos nasceram dum despeito. O homem, não podendo fazer-se Deus, fez-se artista.

Os livros são as bonecas dos homens; as bonecas são os livros das mulheres. São as bonecas que ensinam ás mulheres o gesto de embalar, a graça do carmim, aquela ingenuidade de loiça, futil e quebradiça... Por sua vez os livros ensinam aos homens *o b-á-bá* da Vida, a utilisarem os braços, os olhos, a boca; ensinam-nos, em conclusão, a brincar com as bonecas...

Em Paris, na rua Royal, ha uma casa que vende livros e bonecas. Ao lado dos ultimos livros de Salmon, ilustrados por Derain, as lindas *poupées* de seda, vestidas por Poiret. Quando não ha um livro novo ha uma boneca nova e vice-versa.

Certa manhã, nos *boulevards*, ao meio dia, á hora *midinette*, apeteceu-me comprar um livro de Duvernois. Entrei na casa das bonecas e dos livros. Não havia o livro que desejava. Em compensação descobri uma grande *poupée* com cabelos de lã castanha e olhos de retroz azul—frases de Duvernois, portanto. Não hesitei. A' falta do volume comprei a boneca. Era *Fifinoiseau* a obra de Duvernois que eu desejava. *Fifinoiseau* se ficou chamando a boneca...

Bonecas, livros... Os livros são bonecas, as bonecas são livros... Mas as mulheres, meu Deus, são bonecas e livros... Quando alguma se atravessa na nossa vi-

da, lá se vão os livros, lá se vão as bonecas... A mulher, por si, é uma literatura, uma literatura vasta, uma literatura de caracteres estranhos, de caracteres diabolicos... Mas a mulher é tambem uma boneca ingenua, uma boneca de trapos, uma boneca que se desmancha na fragilidade dos tecidos com que é feita e nos miolos de estopa... Simples e complicada, maquilhada e natural, profunda e futil, livro boneca...

A mulher? A mulher é, no fim de contas, a casa da rue Royal, a casa dos livros e das bonecas... Quando sai á rua, é boneca, uma boneca para a menina dos nossos olhos... Quando a possuimos, quando lhe arrancamos a cinta do *vient de paraître*, quando se desencanta, quando nada mais tem a dizer-nos—é um livro aberto...

Antonio Ferro

NOTAS MUNDANAS

A caridade

Opereta «Rip»

Ontem démos a nota das senhoras que tomam parte nos córos desta linda opereta francesa que ainda este mês se representará em S. Carlos, por distintos amadores, hoje damos a nota dos rapazes:

Joaquim de Araujo Perestrelo de Vasconcelos, Frederico Vilar, Antonio Correia de Sá (Asseca), Carlos Bobone, Eduardo Marques da Costa Lupi, Pedro Bobone, Eduardo Pinto Leite (Olivais), D. Vasco Figueiredo Cabral da Camara (Belmonte), Jorge de Morais Amado, José Machado Rodrigues, D. João de Portugal e Castro, Manuel Neto Doria, Luiz Lobo da Costa, D. Antonio da Cunha de Mendonça e Menezes (Olhão), José Alegro, Francisco Manuel de Melo Sá Vilar, José de Siqueira (S. Martinho), Frederico de Macedo Santos, José Manuel Bastos, Julio Rau, João Infante da Camara de Trigueiros Martel, Manuel de Araujo Rebelo de Andrade, Luiz Velhinhos, Gustavo Silvestre de Almeida, Antonio de Lancastre Moares de Almeida (Castelo Mendo), Jorge de Saldanha da Gama de Cabedo e Vasconcelos (Zambujal), João Seabra Ferreira Roquete, Francisco Monteiro, Tomaz Alarde, José Condeixa, Carlos Cabral da Costa, Vasco Falcão, D. José Vaz de Almada, Joaquim Morais, Fernando Lobo d'Avila Lima, Armando Matos Castelo, Artur Miranda Bastos, Cezar Ayala Monteiro, Manuel da Costa Vasques, Fernando de São Payo, Manuel de Ornelas Bruges de Oliveira, Francisco José Anjos Ribeiro Ferreira, Jorge Pinheiro de Melo (Arnoso).

O proximo ensaio dos córos da opereta *Rip* terá lugar ámanhã, domingo, pelas 16,30 no salão nobre do Teatro de S. Carlos, pedindo a ilustre comissão organizadora a todos que tomam parte o favor de não faltarem.

Opereta «Ninguem diga...»

Os ensaios dos córos desta linda opereta portuguesa escrita expressamente para ser representada por distintos amadores pelos srs. Chagas Roquete e Acacio de Paiva, com musica do maestro Calderon, passam a realizar-se ás segundas, quartas e sextas-feiras no teatro de S. Luís, ás 17 horas (5 da tarde).

Baptisados

Realizou-se há dias na paroquial igreja de Santa Isabel o baptisado de um filhinho da sr.ª D. Palmira de Almeida do Prado Coelho e do sr. dr. Antonio do Prado Coelho. Serviram de madrinha a sr.ª D. Albertina Aurora do Prado Coelho, tia paterna, e de padrinho o sr. João de Almeida, tio materno, que se fez representar pelo sr. Pimenta. Findo o acto religioso foi servido em casa dos pais do recem baptisado um fino «lunch».

—Na segunda feira ultima realizaram-se na Igreja de S. Paulo os baptisados de uma filhinha dos srs. condes de Pinhel (D. Dolores e Luís), da qual serviram de madrinha a avó materna sr.ª D. Aurelia de la Arena e de padrinho o avô paterno sr. conde de Pinhel, a gentil criança recebeu o nome de Maria del Pilar, e de uma filhinha da sr.ª D. Luisa de Campos Henriques de Almeida Metelo de Seixas e do sr. dr. Alexandre Metelo de Napoles e Lemos de Seixas, da qual foi madrinha a sr.ª condessa de Pinhel, avó materna, e padrinho o sr. dr. Antonio Padua Bandeira de Seixas, avô paterno. A gentil criança recebeu o nome de Maria Luisa.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.ªs:

Condessa de Vil'Alva, D. Capitolina da Silveira Viana Pinto da Fonseca, D. Maria Inacia de Matos Vilardebó Chaves, D. Sofia Baerlein de Castel-Branco, D. Mariana Isabel Malheiro Pereira de Castro Vilhena (Mogadouro), e D. Matilde Esteban Reynolds.

E os srs.:

Dr. José Maria Valente de Rezende Abreu Freire (Baçar), Hermiterio Borges de Almeida, José Antonio de Freitas, Julio Claro da Fonseca Peixoto, Artur Abecassis, José Valado Arnaud, Luiz e Alfredo Calheiros Kruz.

Festa de homenagem

A troca dos bilhetes provisorios pelos definitivos para a recita que na noite da proxima terça-feira se realisa no teatro Avenida em homenagem dedicada pela empresa aos seus cronistas mundanos, continua fazendo-se no camaroteiro do teatro todos os dias até 11 do corrente. Os poucos bilhetes de plateia que restam estão desde já á disposição do publico.

Nessa noite representar-se-há em «reprise» unica a peça de Nicodemi, tradução do escritor sr. Eduardo Schwalbach Lucci «A Inimiga» em que a actriz D. Maria Matos tem uma das suas coroas.

Em viagem

Regressaram á sua casa em Sintra, os srs. Vis condes de Tojal.

—Regressou já a sua casa em Coimbra, o sr. D. José Manuel de Noronha.

—Regressa brevemente a Coimbra o sr. dr. Coutinho de Oliveira.

O "Diario de Lisboa" desejando concorrer para que se estabeleça o principio da folga dominical para os trabalhadores de jornais, não se publica aos domingos.

IMPRENSA

O «Seculo» de hoje refere-se á aparição do «Diario de Lisboa», fazendo-lhe cumprimentos de boas vindas.

Agradecemos.

CARTAZ

Nacional—Ás 21, «Zilda».
S. Luis—Ás 21, «J. P. C.»
Politeama—Ás 21, «O João Ratão».
Ginasio—Ás 21,30, «A Ventoinha».
Trindade—Á2 21, «O Emigrado».
Avenida—Ás 21, «O senhor roubado».
Apolo—A's 21,30, «Burro em pé».
Eden-Teatro—Ás 21, «Paz armada».
Salão Foz—Ás 20,30 e 22,30, «Trolaró»
Coliseu dos Recreios—A's 21—Companhia de circo e variedades.

ANIMATOGRAFOS

OLIMPIA—Rua dos Condes.
CINEMA CONDES—Av. da Liberdade.
CHIADO TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso.
SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

N.º 3 Folhetim do DIARIO DE LISBOA 9-4-921

O ESCONJURO

NOVELA POR AQUILINO RIBEIRO

A par vinha o Zé da Leocadia, dono do boi padreador e malhante das suas duzentas pousadas de trigo, para mais que não para menos; trazia uma carapuça na cabeça, e de pequeno que era, á beira do Rilha-Pedras, lembrava as sociedades, nas novelas, do gigante e do anão. Atrás, mais morfanhos, avançavam o Joaquim Caracoto, mordomo de todas as festas, tocador disputado de viola e que pagára com uns meses de cadeia o roubo de um adereço de ouro a Nossa Senhora da Boa Fortuna, e o Augusto da Eira, que trazia muito pão á quarta, muito dinheiro a juros e muita vaca ao ganho e era homem de aceitação.

Amistosamente, que eram seus eleitores, o senhor abade tornou-lhes a salvação; e logo o Manuel Rilha-Pedras, erguendo sob o chapeu de palha o focinho canino, se pôs a inventariar o quintal:

—Ricas batatas, sim, sendor. Santo Antonio as guarde da molestia. O milhão lá vai... está grosso, para dar... mas quere-se arralado.

—O ano vai bom por toda a parte—murmurou o senhor abade.

—Vai e não vai. A terrinha deu o alento todo... o tempo tem corrido a matar, mas a estragação tem sido muita. O senhor abade não tem passeado por essa folha fóra?

—Não; ha mais de três semanas que não ponho o pé fóra dos caminhos ou dêste quintal. As obrigações têm sido muitas...

—Pois peço-lhe que se tire um nadinha de seus cuidados e vá de seu mole até o rio. Olhe á sua direita, olhe á sua esquerda para os trigais e depois me dirá se não é para cortar a alma!

—Mas que têm?

—Que têm? Estão debulhadinhos até o sabugo. Ha leiras em que a espiga está mais chôcha que depois de malhada. E sabe o que é? Os passaros, a praga do passaredo, que Deus confunda.

—São primeiramente os pardais—declarou o Caracoto.—Este ano andam ás rabanadas; quando vôam até cobrem o sol.

—Inçaram na primavera, como não ha memoria. São quadrilhas e quadrilhas de galifotes. Caem num campo e pilham-no, emquanto o diabo esfrega o olho.

—Nunca se viu flagelo assim—confirmou o Augusto da Eira.—Nem têm medo de espantalhos, nem do fogo das espingardas. Pois tem-se-lhes zurrado!

—Não são só os pardais—disse de lá o da Leocadia, que tinha uma voz tão grossa e cava que era milagre num corpo tão atarracado, parecendo até chalaça de Nosso Senhor—é a milheira, é o cartaxo, é o tejasno, é o cherrubião, que larga das ceras com um papo, o danado, que nem bornal de pobre depois de dar volta ás portas.

—São esses todos, não haja duvida—corroborou o Rilha-Pedras—não falando nos gaios, nos tordos e nos melros que estuporaram as cerejas, e as rôlas que catam os centeios maduros.

—Se a praga não levanta—prosseguiu o Caracoto—nem vale a pena malhar. Melhor é fazer logo o palheiro...

—Mas donde virá tanta bicharada?—atalhou o Augusto da Eira.—Já me lembrei que fôsse o passaredo dêsses mundos de Cristo, que andam em guerra, que largassem com o estrondo dos tiros.

—Os pardais não têm aza que lhes permita longas migrações—pronunciou o abade.—Se cá andam, cá nasceram e cá foram criados. Mas voçês não se chorem, o pardal sempre comeu dos trigos e nem por isso o grão falta ás pousadas.

—E o sr. abade a falar ao Toledo!... Vá por esses campos abaixo...

—Estranho, estranho o que vós dizeis—tornou o abade.—Sendo o pardal caseiro como é e andando assim em diluvios, devia sentir-se aqui na fazenda. Pois ainda não dei fé que tenham devastado, e lá ao fundo, vêem voçês, ha uma manga de trigal...

—Enxotaram-nos do povo—explicou o Augusto da Eira.—Os rapazes andaram de noite com lumieiras acesas pelos buracos das casas e, se alguns morreram lá dentro com o fumo, os mais fugiram para a fôlha.

—E assim são legião?—perguntou Aurelio, com ar de incredulo.

—Quere que lhe conte—tornou o Rilha-Pedras—na segunda feira, la eu para o mer-

A CIDADE

A PROPOSITO DE PINTURA

Uma artista precoce

Maria Adelaide Lima Cruz—12 anos que prometem — O primeiro dinheiro ganho

Encerrou ha poucas semanas na Bobene a sua segunda exposição de pintura a pequena artista Maria Adelaide Lima Cruz.

Quem como eu teve o prazer de admirar de perto os seus trabalhos—esses cartões a que ela dá um cunho muito especial, muito seu—sentiu por certo uma curiosidade enorme espicaçar-lhe o espirito, uma vontade imensa de vêr a creança, a minuscula artista que tão cedo afirma o seu talento, d'uma maneira brilhante.

E' que se para aqueles que não a conhecem Maria Adelaide é um assombro, para os que a ouvem falar e vivem no seu ambiente, é mais do que isso; —é um enigma sem solução. Com efeito quem a conhece nos seus trabalhos, segura de si, quem descobre cada vez mais admirado novas expressões sempre verdadeiras nas suas figuras, fica depois surpreendido ao vel-a tão perfeitamente creança em todos os seus gestos, em todas as suas palavras.

Sendo assim, como é, infantil, alegre, despreocupada, como pode ela compreender os sentimentos que descreve tão bem nas diferentes expressões que dá aos seus «bonecos»? Como?

Mas Maria Adelaide, que eu fui procurar com o fim de obter uma curiosa e pouco banal entrevista, veio cortar o fio dos meus pensamentos:

— Então? Já se esqueceu das perguntas que queria fazer?

—Rapidamente as minhas ideias mudaram de rumo.

Para falar a Maria Adelaide a minha voz tornou-se mais branda, os meus olhos sorriram com mais ternura.

—Vamos então principiar, está disposta a aturar-me?

— Conforme... Olhe, no outro dia esteve ai um jornalista que se foi embora sem me arrancar palavra...

—Sim? Mas que grande má!... E não se pode saber porquê?

Porque me veio perguntar que homem desejaria eu para esposo e outras coisas parecidas. Sabia lá o que havia de dizer!

A expressão um nadinha irritada de Maria Adelaide fez-me sorrir.

—Mas eu não quero saber essas coisas... Segredos do coração devem sempre respeitar-se, não é verdade?

—Pois é!...—Responde ela com o ar mais convencido d'este mundo.

—Vamos então a ver. E' capaz de me dizer quando é que começa a trabalhar?

Ora! Sei lá! Sempre gostei muito de fazer bonecos... A mamã que diga.

—Não é preciso incomodar a mamã. Eu acredito piamente em si... Mas pode dizer-me que «bonecos» prefere... gosta mais do oleo ou da aguarela?

—Não sei bem... O oleo para trabalhos serios. Gosto imenso de paisagens... aguarela só nas caricaturas, por brincadeira...

Por brincadeira? ! Mas creia que as suas caricaturas são deliciosas de expressão. A proposito... é capaz de me dizer porque faz tão ridiculas todas as suas silhuetas masculinas?

—Ridiculos? Ora essa! Então não são mesmo assim? Eu cá por mim vejo os rapazes todos iguais... cabelos arrepiados para traz besuntados de brilhantina, monoculos de vidro seguros á custa de muitas caretas, sorrisinhos sensaborões...

Pois não acha?

—«Acho o que quizer»—concordei eu com um sorriso de piedade para os rapazes do meu tempo.

—E olhe que as raparigas são quasi tão estupidas como eles...—continua Maria Adelaide—Eu é que as defendo porque sempre são irmãs...

—Tenha paciencia, Maria Adelaide. Ainda me não disse se ficou contente com os resultados da sua exposição. Ganhou muito dinheiro?

Uma onda de prazer tingiu-lhe de vermelho a pele do rosto.

—Imenso! Um conto e duzentos!

Que orgulho na sua voz, que entusiasmo no seu olhar purissimo!

—Bravo! Está então nova rica, não é verdade? E que fez ao seu peculio?

—«Está a render... respondeu com uma vaga melancolia na voz.

—O quê! Então não fez nenhuma extravagancia?

—Comprei só uns bonbons e umas solas de borracha para os meus sapatos brancos...

Umas solas de borracha. Quem havia de dize que seria destinado a este fim o primeiro dinheiro ganho pela pequenina artista!

—E agora que pensa fazer?

—A mesma coisa sempre! Vou trabalhando para outra exposição...

Mas Maria Adelaide começava a aborrecer-se deste interrogatorio, tanto mais que os primos a esperavam para uma animada brincadeira no jardim.

Ao de leve beijei-a na testa e sai com a impressão de ter beijado uma flor de extraordinaria beleza na plena posse de todo o seu perfume e de todo o seu esplendor. Mas confesso que ao despedir-me vendo-a tão infantilmente bonita com o seu cabellinho curto e o seu lindo sorriso de bébé, tive um desejo doido de mandar-lhe uma boneca agradecendo á artista a gentileza do acolhimento, e á criança a sua adoravel simplicidade.

Maria Fernanda

Ao Soldado Desconhecido

Calmou-se ao longe o imenso cataclismo
pelo sangue da Raça iluminado,
e o misterioso heroi volta embalado
pelas ondas do mar, piedoso abismo.

Sucumbiu num sangrento paroxismo,
é o Encoberto em Dor transfigurado,
alma de Rei num corpo de soldado
que há tanto espera o meu sebastianismo!

Doutros, mortos tambem, resta a lembrança;
flores de Portugal nascendo em França
a saudade dirão de quem lhes queira...

O heroi chegou. E, sem saber, nesta hora,
onde um olhar de mãe por ele chora,
vai substitui-la uma Nação inteira!

Tomaz Ribeiro Colaço.

A AMNISTIA

Portugal inteiro envolve hoje, num largo abraço de paz, todos os seus filhos

Contra os que, obcecados por cegos odios ou asperos fanatismos politicos, afirmavam que o Parlamento não realisaria a obra de pacificação que o paiz dele esperava, a amnistia foi votada, aprovando o Senado, ás 6 horas da manhã de hoje, o projecto respectivo.

Abrem-se, pois, as prisões aos que nelas passavam longos dias de provação; abrem-se as fronteiras aos que, em terra estrangeira, angustiadamente, viviam horas de amargura e incerteza.

Portugal inteiro envolve, num largo abraço de paz, todos os seus filhos, para que terminem de vez as divergencias que há tanto tempo nos separam, consagrando-se, num fecundo esforço patriotico, ao levantamento da alma e das forças nacionais tão quebrantadas.

Bem merece da nossa gratidão o ilustre chefe de Estado, cuja alma nobremente sentiu que carecemos de resgatar-nos de velhos pecados, perdoando-nos uns aos outros. Todos temos errado, cabendo a cada um culpas maiores ou menores. Ninguem se considere sem macula, porque assim mentirá á sua propria consciencia.

Muito mais inocentes certamente do quenagem.

tantos que por ai se dizem patriotas extremes eram os dois soldados que hoje atravessaram a cidade em cortejo triunfal, a caminho da sua derradeira morada, entre sombras imortais: no entanto, deram a sua vida, sem uma hesitação, em honra da sua Patria.

Não terão eles sido vitimas de qualquer fatalidade obscura que outros irritaram e que o seu sangue teve de saciar?

A historia um dia o dirá.

O momento é de jubilo: recalquemos pensamentos em que se comprazem geralmente os homens de maus ligados e mente curta.

Dêmos todo o nosso aplauso ao belo gesto do Parlamento, salientando na nossa admiração o honrado Jacinto Nunes, que com uma mocidade que lhe vem da sua fé de português conseguiu vencer os teimosos, animar os timidos e afugentar as feras que bramiam, quando a sua voz se erguia em defesa da amnistia.

Os corações de muitas mães e esposas, de muitos filhos e amigos devem, agora que a razão e a justiça triunfaram, tributar ao grande cidadão um alto preito de home-

cado da vila, ali coisa do nascer do sol, levantou-se do cerrado da Ana Pinta uma tão grande nuvem deles, nas ventas da burra, que o demonio se espantou e vi-me *atolico* para a segurar. Ouviu já vomecê os rodizios de um moinho a andar? Assim era o barulho que fizeram a levantar.

—Dêem-lhe fogo—disse o abade.

—Olha fogo! Os excomungados até parece que engolem o chumbo...

—E' o que lhe afiançamos, nem praga de gafanhotos!

—Qual gafanhotos? Ao vê-los ir pelos ares, nem os borborinhos do Démo.

—Destroem tudo, tudo o que com tanto suor andamos pela roda do ano a governar.

—Praga assim, nem ha memoria!

—Se se não atalha, levam o grãosinho todo—e o Rilha-Pedras abria os braços num gesto desesperado.

—Ceifem mais cedo—aconselhou o abade.

—Não pode ser. Não está ainda bem maduro. Se umas manchocas estão alampanhadas de sol, outras estão ainda sobre o verde. E primeiro se hão de cortar os centeios.

—Assim será. Que querem vocês que eu lhes faça?

—Diga-me, a cruz não tem saído muitas vezes pelos campos, a pedir a misericordia de Deus Nosso Senhor?—pronunciou o Rilha-Pedras, estendendo o pescoço como ganso que dá a bicada.

—Sim. *Ad petendam pluviam*... contra as lagartas...

—E contra os passaros não pode ser? Olhe que os passaros são flagelo tão grande como as lagartas.

—E'. Em vista dos auges—disse o Zé da Leocadia—o que ha a fazer é sair a esses campos de cruz alçada.

O abade quedou calado, de olhos em vago. Decorreu um breve silencio e ouviu-se da janela a voz da sr.ª Dona Ritinha, a mana do abade, que dizia:

—Pois não ha de sair de cruz alçada? Os padres não são para outra coisa...

Os homens riram, ele rosnou mal humorado:

—Vai, vai ocupar-te do jantar.

—Fôsse eu padre—tornou ela com acento galhofeiro—e não precisava que mo dissessem duas vezes. Que duvidas que tanto passaredo não seja obra de Satanaz! Se ele anda á solta...

—Andará, andará—disse o Çaracoto.—A sua missão é fazer a guerra aos homens.

—Anda á solta—apoiou ela.—Nunca se viram assim exemplos. Para as bandas do Crasto um rapaz não ficou com um braço no ar por bater na mãe?

—Tambem já o ouvi contar—referiu o Zé da Leocadia.

—E no concelho de Penela a terra não abriu greta e não enguliu um homem que andava a sachar ao domingo?!

—Estava a Antoninha tendeira a contá-lo.—Mas parece que não andava a sachar, mas a roubar os marcos de noite...

—Fôsse o que fôsse, está o mundo pôdre de pecados. Ele os homens não querem crêr que ha um Deus que castiga sem pau nem pedra... Emquanto não baixa o fogo do céo não abrem os olhos.

O discurso da Dona Ritinha provocou uma longa pausa que, afinal, o Rilha-Pedras se atreveu primeiro a quebrar:

—Pois, se não lhe custasse, o senhor abade fazia o obsequio de sair de cruz alçada...

—Não me custa—respondeu ele—mas não sei quando possa ser. Tenho o tempo todo preso, ámanhã sachada... depois...

—O mano não é que vai sachar—objectou a Dona Ritinha.

—Pois não, mas os trabalhadores querem ver dono.

Ora, não ha de andar o dia todo a guardá-los! O voto fá-lo de manhã, emquanto se abre uma mão e se fecha.

—Sim, vale mais ao cedo que ao tarde. Já nós não acordariamos a tempo—rosnou o Rilha-Pedras.

—Está bem de vêr. A'manhã, não deixem passar mais um dia.

O sr. abade calou-se cominado por Dona Ritinha, que exorbitava do seu papel de dona de casa, até ser a regente de suas funções de sacerdote.

E, conhecendo-lhe o animo timorato, foi Aurelio que respondeu:

—A liturgia prevê o esconjuro das aves, é certo, mas fôsse eu paroco e lhes juro, á fé de quem sou, que não ia. As aves são tambem criaturinhas de Nosso Senhor. S. Francisco falava-lhes e, se não tinham entendimento para o compreender, não lhe fugiam.

—Quem no-lo caçára cá—retorquiu o Rilha-Pedras em voz caustica de colera e de mofa—para ver se levava os pardais para sitio onde não dessem detrimento.

(Continúa)

VIDA ECONOMICA E FINANCEIRA

O nosso programa

A nossa cronica será um escrupuloso relato do sucedido, durante a semana, em materia economica e financeira, procurando levar ao conhecimento dos leitores os assuntos mais palpitantes da vida economica e financeira do país e suas colonias, do Brasil e do estrangeiro. Dentro dos elementos que podermos colher, procuraremos, sempre que nos seja possivel, fazer referencia á posição do Ewal e situação das finanças publicas, da alta barca, da industria e do comercio nacionais, apreciando, com são e sereno criterio, despido de paixões, o assunto versado. Em suma, o nosso intuito reduz-se a dar aos leitores o verdadeiro relato da situação economica e financeira, sem pretendermos trazer-lhes uma opinião. Contentamo-nos em pôr-lhes diante dos olhos os elementos necessarios e bastantes para que possam ajuizar segundo o seu criterio individual.

A isto se resume o nosso programa.

Reconhecemos que os programas estão por demais desacreditados, mas esse descredito, que atinge os programas colectivos, não pode entender-se com a orientação de um cronista que vai ocupar-se de uma materia concreta, subordinado a tres pontos fundamentais: independencia moral, patriotismo e os proprios principios do assunto de que vimos tratar.

Não nos arreceamos por isso de cair naquelas contradições a que as inter-dependencias da vida politica levam ás vezes, bem contra a vontade deles, os homens que arvoram programas colectivos.

Posto isto, comecemos.

Cambios

A' hora de inaugurarmos esta cronica a situação cambial é esta:

	Compra	Venda
Londres cheque	5 7/16	5 5/16
« 90 dias	5 9/16	
Paris	801	817
Madrid	1570	1610
New-York	11200	11500
Amsterdam	3890	3990
Bruxelas	830	850
Suissa	1960	2000
Italia	480	494
Berlim	184	190
Rio	80	60

Cambios no estrangeiro

	Compra	Venda
Libras, ouro	81$00	85$00
Ouro português	900 0/0	1000 0/0

Londres s/ Amsterdam	11,3275
Londres s/ Berlim	239,75
Londres s/ New-York	3,92
Madrid s/ Londres	28,04
Madrid s/ Paris	50,80
Paris s/ Berlim	23,12
Paris s/ Londres	55,27
Rio s/ Londres	8 15/16
Desconto oficial do Banco de Portugal	7 0/0

Basta deitar os olhos sobre este quadro para nos compenetrarmos de qué o paiz atravessa uma situação angustiosa, dada a grande desvalorisação da nossa moeda, assunto tão magno e tão urgente que acaba de ser objecto de uma conferencia proferida pelo professor sr. Bento Carqueja, ilustre economista, na Academia de Sciencias.

E' dificil dar uma opinião sobre tão complexa e melindrosa materia, mas, tanto quanto se póde afirmar em assuntos de economia e finança, parece-nos que as causas deste pesado agravamento cambial devem em parte provir dos encargos da guerra e, por vezes, á pouca confiança que há na nossa administração publica, além de outros factores que é comum ver apontados nos tratados que expõem e estudam tão delicado assunto.

Medidas de Finanças

Aguardamos a publicação das mesmas e as consequentes discussões parlamentares fazendo votos para que não se perca tempo. E' o momento de os representantes da nação olharem com olhos de ver para a urgente resolução do problema, porquanto a sua demora pode trazer aos interesses nacionais os mais serios prejuizos.

Desconhecemos os pontos de vista em que s. ex.ª o sr. ministro das finanças se estribará para a redacção das propostas que a imprensa noticiosa diz estarem prontas para ser levadas ao parlamento. Conhecemos, porém,—e não nos esqueçemos,—os pontos de vista pelo sr. Antonio Maria da Silva fixados a quando das suas anteriores passagens pelo ministerio das finanças.

Numa das vezes que s. ex.ª ocupou o lugar de titular da pasta das finanças trouxe a publico um balancete das contas publicas, já com apreciavel pormenorisação e com muito louvavel intuito de exactidão.

Desejariamos ver esse balancete actualisado e desenvolvido. Quer para o paiz se convencer do que quanto tem a pagar, quer para o alto administrador das finanças publicas saber de quanto o Estado precisa, o primeiro passo a dar é a elaboração e publicação das contas publicas. O sr. Antonio Maria da Silva, que foi o primeiro homem publico, nestes ultimos sete anos, que teve a coragem de trazer a publico um resumo da nossa situação financeira, por certo prosseguirá nessa orientação, tanto mais que ela se torna indispensavel para levar ao convencimento do paiz esta verdade em que a França assenta: que a situação herdada da guerra tem de ser resolvida, tal qual como a situação de uma casa particular ou comercial onerada—por um redôbro de sacrificio da nação, e por uma escrupulosa e energica compressão das despesas.

E' bem insuspeito o atual governo francês, e igualmente insuspeito o seu presidente do ministerio, o sr. Briand. Pois foi esse gabinete que, neste momento está á frente dos destinos da grande França, ao apresentar-se em camaras, expendeu na sua declaração ministerial esta sã doutrina: a compressão de despesas é tão indispensavel como o sacrificio a pedir á nação.

E sendo a França a mãe da victoria na grande guerra, o actual governo anunciou que, sem tirar ao exercito francês os elementos necessarios para ele bem cumprir a sua missão sacratissima, o governo não hesitaria em reduzir as despesas extraordinarias que com o exercito a guerra levara a França a crear.

Isto disse-se na tribuna parlamentar, foi pelo titular das finanças exploradamente comentado na imprensa e não houve em todo o exercito nem em toda a França um assômo de protesto ou discordancia.

E' elementar esta doutrina.

Assim como seria impossivel sair da actual situação financeira sem o país liquidar as despesas ocasionadas pela guerra, assim seria um absurdo pensar que, continuando a gastar, como se gastava durante a guerra, a situação se podia normalisar e resolver. Mas nunca é demais exemplificar. Aqui fica dito como o entende e está praticando o governo francês. E' o que temos a fazer em Portugal. O ponto de partida é a apresentação das contas publicas: por elas o país se convencerá do que tem a pagar, e os homens publicos se persuadirão de quanto teem a poupar.

O país não se exime de sacrificios, o que quer é que o seu sacrificio seja bem empregado, seja util, e não se torne periodico, como se tornaria se só se tratasse de pedir uma receita sacrificante sem paralelamente se proceder á compressão de despesa, começando, é claro, pelas despesas extraordinarias, creadas pelo estado de guerra.

O fogo pegou em dois pontos: exiguidade da receita publica, exagerado agravamento das despezas.

Não ha outra forma de remediar o mal. O remedio, a solução; a salvação é: o aumento da receita, até ao sacrificio bem entendido, e a compressão simultanea das despezas.

Esperemos que s. ex.ª o sr. ministro das finanças adopte este criterio, que, parece-nos, seria a logica continuação de alguns actos e algumas palavras suas ao deixar o governo nas anteriores situações em que sobraçou a pasta.

Colonias

Portugal tem de fazer obra de colonisação, contando com os seus proprios recursos, sem desprezar, é claro, quaisquer elementos estrangeiros, mas isto de forma a que a nossa hegemonia seja sempre assegurada. Numa hora em que mais do que nunca a politica da zona de influencias ha-de ser adoptada e praticada, os governos portuguezes teem de orientar a nossa politica colonial de forma a que a influencia financeira não saia das mãos de nacionais.

Tudo quanto se faça, em materia de fomento, deve e tem de obedecer ao criterio nacionalista no alto sentido da palavra.

E nisto se cifra quanto neste momento haveria a dizer sobre politica colonial portuguesa.

Brasil

Está a braços com um agravamento cambial que tem suas averiguadas origens no desequilibrio que o excesso de importação causou á balança comercial.

As exportações encontram-se sensivelmente eguaes, na sua cifra global; a crise vem das importações, que duplicaram.

Mas essa balança comercial ha de pezar de forma—dados os inexgotaveis recursos do grande paiz que é o Brazil—a que a melhoria de cambios se restabeleça e acentue; se bem que não falta quem não reputte o agravamento cambial, para o Brasil, um mal, pois que ele talvez represente para esse paiz uma vantagem em face das exportações.

Seja como for, o Brasil é um paiz vigoroso que permite encarar todas as suas fluctuações com serena confiança.

A America não ratificará o Tratado de Versailles

O senador Knox explica a sua resolução

E' a terceira vez que o Senado americano vai discutir o problema da assinatura da paz com a Alemanha.

Apesar da vontade de Wilson, nunca foi ratificado o Tratado de Versailles, onde ha clausulas que a America não quer aceitar e outras com que não tem que ver.

Desta oposição e da atitude do senador Knox, cuja moção será á votada, caso que não admite quasi duvidas, resultou que a França começou a inquietar-se e a Alemanha a ter esperança de que uma coadjuvação dos Estados Unidos fortalecesse a sua resistencia ao cumprimento das obrigações impostas pelo Tratado de Versailles.

São estas duvidas que desaparecem com as actuais declarações de Knox.

O pacto da Liga das Nações, contido no Tratado, nunca será aceito por nenhum Senado, por nenhum governo americano; contêm estipulações a respeito da Europa Central, em que a America não tem que ver; e determinações ácerca do Extremo Oriente, com que a America não pode ratificar.

Como é preciso, porém, fazer a paz com a Alemanha, esta só poderá ser feita em separado.

Knox declara estar absolutamente de acôrdo com Hughes, quando este diz que considera a Alemanha a responsavel da guerra; e para finalmente apagar quaisquer duvidas que possam ainda subsistir, quer no espirito da França, quer no espirito da Alemanha, acrescentará esta nova clausula ao seu projecto:

«Afim de preencher completamente as nossas obrigações para comnosco e para com o mundo, declaramos que a politica americana será a seguinte: Se a liberdade e a paz da Europa forem de novo ameaçadas por um Estado ou por uma aliança de Estados, os Estados Unidos verão esse facto com grande pesar e nele uma ameaça á sua propria paz e liberdade. Consultarão imediatamente as outras nações em perigo, com o fim de afastar tal ameaça e se fôr preciso cooperarão com os amigos da civilisação para a defender».

PERFUMES
CRENOVILLE

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
BANCO EMISSOR DAS COLONIAS
Séde em Lisboa—R. do Comercio — Agencia em Lisboa—Cais do Sodré
CAPITAL SOCIAL ESC. 48:000.000$00—CAPITAL REALISADO ESC. 24:000.000$00
RESERVAS ESC. 24:900.000$00

FILIAIS NO CONTINENTE:— Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo-Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã Evora, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Torres-Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Traz-os-Montes e Vizeu.
FILIAIS NAS ILHAS:— Funchal e Ponta Delgada.
FILIAIS NO ESTRANGEIRO:— PARIS, Rue Helder, 8, —LONDRES, Throgmortor Street, 27-B — NOW-YORK, Liberty Street, 93.
FILIAIS NAS COLONIAS:— S. Vicente e S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Belmonte (Bihé), Mossamedes, Lubango, Lourenço Marques, Inhambane, Beira, Chinde, Tete Quelimane, Moçambique, Ibo, Mormugão, Nova Goa, Macau e Dilly.
FILIAIS NO BRASIL:— Rio de Janeiro, Campos, S. paulo, Santos, Baia, Bernambuco, Parahyba, Pará e Manaus.

Recomendam-se as filiais deste banco no Brasil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal.
Correspondentes nas principais localidades do continente e ilhas adjacentes e em todas as cidades do mundo.
Operações bancarias de todos os generos.
Compra e venda de saques, notas e moedas estrangeiras, coupons, etc.
Operações de Bolsa.
Cartas de credito directas e circulares sobre as colonias e todos os paizes do Mundo.

PELAS PROVINCIAS

A carreira Castelo Branco-Certã

Proença-a-Nova, 8.

Entre Castelo Branco e Certã existe uma carreira que serve a enorme região que abrange aqueles concelhos, Oleiros, Proença-a-Nova e parte a Mação e Vila do Rei.

Por varios motivos está esta carreira sentenciada. Não finda, mas pouco difere, pois passará, segundo nos consta, o serviço a ser feito em carroças e só até esta vila. Para a Certã, séde da nossa comarca, ficamos mesmo sem uma carroça, e assim, a correspondencia para ali terá de seguir por Castelo Branco e depois pela ambulancia até Paialvo.

O unico beneficio que esta região recebe dos poderes superiores vai-lhe ser suprimido, embora injustamente.

Sociedade 1.º de Setembro

Alcaçovas, 5.

Pela nova Sociedade Instrução e Recreio 1.º de Setembro foi adquirido um predio, estando em via de conclusão a compra doutro para depois de reunidos num só e devidamente reparados e modernisados, instalar definitivamente a sua séde.

A atitude de «A Voz da Justiça»

Coimbra, 9.

Consta que a Academia de Coimbra vai realizar brevemente um comicio na Figueira da Foz contra a atitude do bi-semanario daquela cidade «A Voz da Justiça» a proposito da campanha nativista encetada pela mesma Academia.

Fornecimento de carnes verdes

A camara municipal deu hoje de arrematação o fornecimento de carnes verdes de gado caprino e lanigero, ao preço de 1$80, 1$60 e 1$00 cada quilo, que até agora o publico estava adquirindo por 2$60. A adjudicação foi feita ao sr. Manuel Dionisio. A nova tabela começa a vigorar em 15 de abril.

O eclipse do sol

Fafe, 8.

Foi hoje presenciado durante meia hora o eclipse anular do sol.

A construção dum novo cais

Santo Tirso, 8.

Vão muito adeantados os trabalhos para a construção dum cais na margem esquerda do rio Ave. Este importante melhoramento, que já ha muito tempo se devia ter realizado, é devido á honravel iniciativa do sr. João Pimentel, grande amigo desta terra e a quem Santo Tirso muito deve pela sua boa vontade e pelos seus esforços em favor do seu engrandecimento.

As festas de S. Bento

Prosseguem com entusiasmo os preparativos das festas de S. Bento. Tem-se recebido ultimamente bastantes donativos. O sr. Antonio Maria Lopes, presidente honorario da comissão das festas, concorreu com a quantia de um conto para a realisação das mesmas festas.

Um novo jornal

Apareceu ha dias o primeiro numero do semanario regionalista «Ecos de Negrelos». Apresenta-se muito bem redigido.

A feira anual — Uma corrida por amadores

Alter do Chão, 8.

No proximo dia 25, por ocasião da feira anual, dar-se-ha uma corrida de touros, que está despertando interesse. São cavaleiros D. Vasco Fontalva e Luis Prado Caldeira, bandarilheiros, Salema Vaz, Gama e outros e forcados dois valentes grupos, um desta vila e outro de Cabeço de Vide. Os 8 touros foram adquiridos no Ribatejo. A coadjuvar a corrida virá tambem o artista Rodrigues Largo. Depois do cartaz completo mais detalhadamente informaremos.

COLEGIO LUSO-BELGA
Directora: M.me Jeanne Rolin
RUA CAMILO CASTELO BRANCO
Instrução primaria,
instrução secundaria e comercial
Aceita alunas internas,
externas e semi-externas
Sempre os melhores resultados nos exames

Um amigo dos diabos

Foi preso pelo agente Serrano, da investigação, um individuo chamado Francisco Antonio de Azevedo, pateo do Ourives, o qual, sendo o amigo de mais confiança de José Maria da Silva Junior, rua de S. Miguel, 35, gastou uma importante quantia que este lhe confiara para um pagamento de azeite, roubando-lhe ainda um capote á alemtejana que empenhou, gastando o dinheiro na pandega.

"Caminho da Atlantida"
(Uma campanha luzo-brasileira)
—POR—
JOÃO DE BARROS
Á VENDA NA
LIVRARIA PROFISSIONAL
Largo do Conde Barão, 49

Palavras memoraveis

Lê-se num ditado arabe que «se o mundo fosse um ovo, Ormuz seria a gêma».

E o nosso padre Antonio Vieira escreveu: «Se o globo do mundo se houvesse de reduzir a um anel, a pedra dele seria Ormuz».

Gaspar Correia, narrador. por vezes ingenuo e fantasista, de coisas da India, quando descreve a ilha de Ormuz, diz: «... Tem esta ilha ao redor muitos rios e portos, onde correm todas as mercadorias do mundo; mas porque o mar tem baixos e pouca agua ao longo dos portos, e lá não podem chegar naus para carregar, vêm todas portar a Ormuz, onde trocam umas mercadorias por outras, com o qual trato tão grande se fez esta cidade de Ormuz, que, comummente, entre as gentes, a India é anel e a pedra é Ormuz».

Nove anos de trabalhos arduos, cancelras e pelejas de alevantado esforço custou a Afonso de Albuquerque a conquista de Ormuz, «tão nomeada por todo o mundo, como o mais celebre emporio e escala dele» conforme escreve da ilha o autor das *Decadas*.

Depois de assegurado a Portugal o dominio dos mares da India, ajustadas as pazes com o rei de Ormuz em 1515, quiz Afonso de Albuquerque que a bandeira portuguesa ali tremulasse sobre fortaleza erguida na garganta do Mar Persico.

«A primeira obra que se levantou, diz Gaspar Corrêa, foram dois cubelos na travessa da praia... e um d'estes cubelos ficou fundado dentro no mar, em que, de baixamar a grã pressa se abriu o alicerce... D'este cubelo correu um pano de muro ao longo da praia, todo fundado dentro no mar, de que o alicerce e a parede até sobre agua era feito de barro, e d'aí para cima feito com gêsso, e o muro de dôze pés de largo. Os capitães disseram ao governador que eram fracos, que deviam de ser mais grossos. Ele respondeu: «Estes assim como vêdes, se os guardarem com verdade e sem tirania, são tão fortes que sobejam; mas se n'estas terras se não guardar verdade e humanidade, a soberba nos derrubará quantos muros tivermos, por mais fortes que sejam. Portugal é muito pobre, e os pobres cobiçosos se converterão em tiranos. As coisas da India fazem grandes fumos: hei medo que pelo tempo em diante o nome que agora temos de guerreiros se torne em tiranos cobiçosos».

* * *

Erguida a fortaleza e mandada defender com toda a artilharia que os de Ormuz tinham enterrada e escondida, chegou por essa ocasião do reino Nicolau Ferreira, que viera com uma embaixada do rei de Ormuz a D. Manuel. Perguntando-lhe Afonso de Albuquerque o que dizia d'ele el-rei, Nicolau Ferreira «lhe disse que el-rei falava do seu governador com tanto gosto e tantos louvores, que dizia ser de razão o mandal-o ir para o reino e dar-lhe descanço em um condado e estar sempre com ele para lhe dar conselho nas coisas da India».

Afonso de Albuquerque entristeceu-se muito com a noticia. Entrou em melancolia e caiu doente de cama... Um dia disseram-lhe que no mar se acharia melhor. Embarcou-se pela sésta de um dia de novembro...

E então os fidalgos que o acompanhavam, para o distrairem da melancolia, disseram-lhe que «seus serviços eram taes, que se el-rei o mandasse ir para o reino havia de ser para o fazer grande senhor, com titulo de grande honra, em que descançasse dos grandes trabalhos em sua velhice».

Ao que ele respondeu:

«Portugal é pequeno, esses titulos de honras todos tem donos; e ainda que todos estivessem vagos, não ha coisa em Portugal de honra que valha metade da grandeza da governança da India. E meus serviços, se são tais como dizeis, não tinham mais direita mercê que me deixar acabar estes meus poucos dias assim servindo, e que em meus dias não visse na India outro melhor do que eu. Nunca vereis governador da India que em Portugal valha a metade da terça parte do preço que tem na India; e portanto vossas mercês verão o pago que me Portugal dará. E apostarei que se é chegado governador á India, o acharemos já com as mãos metidas na governança, sem aguardar por mim que lhe désse minha residencia; «porque Portugal não faz governador novo senão para desfazer o velho». E posto que el-rei o mande com grandes resguardos, o Cabo da Boa-Esperança tem tal condão, que ao governador que o passa para cá, lhe faz os sentidos tão grandes, que nunca mais lhe lembra se Portugal nasceu no mundo. Eu bem sei que hei-de achar contra mim muitos, porque em Portugal «nunca fiz oferendas a nenhum santo,» senão a el-rei nosso senhor, e a sua mulher e seus filhos, porque as primicias da India a eles as mandei; e fiz meu fundamento nisto, esperando verdadeira salvação, sem querer de ninguem nenhuma ajuda; no que bem sei que errei contra mim, e não a obrigação de meu regimento, porque nele el-rei me mandava que primeiro désse aos seus, o que assim fazendo me não ficava para os recomendados dos regentes de Portugal, que acoimarão meus pecados ante el-rei como quizerem, e el-rei ouvirá suas orações mais que minhas ofertadas obras, com tantos sacrificios por vossas mercês manifestados».

A pintura do quadro é soberba!

Na costa de Melinde soube Afonso de Albuquerque que tinha chegado um novo governador a Gôa. A noticia pô-lo ás portas da morte. Pediu a Deus que o deixasse chegar á barra de Gôa. Chegou, mas morreu pouco depois de o navio lançar ferro.

Os que o tinham abandonado na guerra de Ormuz, regressavam de Portugal, providos nos principais cargos, pelo rei, que ao mesmo tempo matava o conquistador de Gôa.

Carlos Babo

L. SILVA DIAS
Representações estrangeiras
e conta propria
Stock dos seguintes artigos:
Cabedais e artigos para calçado.
Botões perola, agulhas.
Bordado a pezo e d peça.
Peúgas de seda e algodão.
Molas para vestidos.
Pentes e escovas.
Maquinas de escrever A B C.
Maquinas de chegon.
Pneus e camaras d'ar.
Anilinas.
Rua Aurea, 265, 2.º
Telefone 3207-C.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ—Resa-se 2.º Domingo depois da Pascoa, (ou Bom Pastor) simplex, paramentos brancos. Na missa gloria, 2.ª oração loncede, 4.ª pela Egreja ou Papa, Credo e prefacio da Pascoa.

LAUSPERENE—Na egreja paroquial da Encarnação.

FESTIVIDADES—Sé, 11, côro, ás 12, missa e vesperas; S. Roque, ás 9,30, missa.

S. DOMINGOS—A's 12 horas festo ao Coração de Jesus, por instrumental, executando a missa de Eslava de Pontifical celebrando o sr. bispo de Viseu, e sermão, sendo orador o rev. dr. Lopes de Melo, prior da Sé Velha de Coimbra. A's 19 horas, sermão, sendo orador o rev. dr. Silva Gonçalves, e Te-Deum de Joaquim Gomes.

ENCARNAÇÃO—A's 11 horas, festa á Senhora da Encarnação, com missa solene de Perosi, por instrumental, sermão, orando o rev. Agostinho da Mota; ás 18,30 horas, Ladainha e Te-Deum, por instrumental de Joaquim Gomes.

MARTIRES—A's 10 horas, festa ao Menino Bom Pastor, com exposição do SS. e com missa solene, por musica; ás 15, vesperas.

NOVENA A S. JOSÉ—*S. José*—A's 19,30 horas, orando o rev. Agostinho da Mota.

EM SANTAREM—Nos dias 10 e 17 tem lugar as festas ao Santissimo Milagre em Santarem, nas quais tomam parte os melhores cantores de Lisboa sob a regencia do maestro Carlos Araujo.

Todas as questões
de advocacia e procuradoria se tratam no
ESCRIPTORIO FORENSE
R. do Carmo, 35, 2.º
N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

DR. AFONSO COSTA

No mesmo comboio em que viajou o ilustre marechal Joffre chegou o sr. dr. Afonso Costa. Parece que s. ex.ª está na intenção de regressar brevemente a Paris, continuando a manter-se afastado da actividade politica.

Entrevistado pelos redactores de alguns jornais s. ex.ª fez declarações interessantes.

Vamos transcrever algumas delas.

O que pensa da amnistia o antigo chefe democratico

«Eu acho que a amnistia é oportuna Entendo que deve ser dada. No momento em que a nação vai levar para a Batalha os cadaveres dos Soldados Desconhecidos, como homenagem á bravura do nosso povo, é bom que se abaixem todas as bandeiras. Eu no fundo sou um sentimental... Julgo que os carceres devem ser abertos para todos os portugueses e todos os patriotas possam prestar as suas homenagens aos Herois Anonimos da raça, e eu creio que os monarquicos, como portugueses e como patriotas, não quererão faltar nessa hora solene. Esperemos que eles compreendam esse gesto que não aponta quem a dá, nem humilha quem a recebe. Eu dei-a em 1913. Ha homens presos que prestaram serviços ao país, proferiram-se sentenças, pesadas demais, com relação ao grau de responsabilidade de quem os praticou, e daí nasceu, em grande parte, o movimento que agora tem o desfecho na amnistia. E, após uma ligeira pausa, continuou:

—Em minha opinião, acho que devem ser dadas aos monarquicos amplas liberdades, as liberdades que conquistamos e que são para todos os portugueses. Acho que lhes devem ser dadas liberdades sem restrições, nem limites de espécie alguma, esperando que eles, na propaganda das suas ideias, empreguem apenas os meios legais, abandonando o campo da agitação e da conjura. Quando, após o regicidio, se falou em monarquia nova, fui eu proprio quem, no Parlamento, disse aos homens que compunham o governo: «Nós os republicanos, aguardamos que V. Ex.as saibam voltar ás antigas liberdades. Trabalhem V. Ex.as e saibam merecer a confiança do país, que nós aguardaremos a nossa hora.» O que não é legitimo é que quando um governo quere trabalhar, que quando um governo quere resolver os problemas nacionais, se veja na necessidade de desviar a sua atenção para a ordem publica, porque se lhe embaraçam os movimentos com tentativas revolucionarias. Agora estamos em presença dum problema financeiro bastante grave, atravessamos uma crise tremenda: que pensar de quem pretenda dificultar com agitações a obra dum ministro que tente resolvê-la? Façam os monarquicos a sua propaganda dentro do campo legal que ninguem os incomodará, estou certo disso. Mas se depois desta amnistia voltarem a promover tumultos, então não têm direito a esperar outra coisa do governo da Republica, senão que seja inexoravel reprimindo com mão de ferro quaisquer tentativas revolucionarias!

Sobre a nossa crise economica e financeira

«Entrámos na guerra e afirmámos as nossas virtudes, o nosso direito de viver. Estamos a braços com dificuldades financeiras? Mas isso é uma crise que vem desde 1891. Mas qual é a nação que se não encontra numa situação dificil? A propria Espanha, a nossa visinha Espanha que ganhou tanto dinheiro durante a guerra e que se conservou neutral, encontra tambem as suas graves dificuldades financeiras. Nós pertencemos todos á geração do sacrificio e o que se impõe é trabalhar, trabalhar muito com uma grande fé nos destinos de Portugal, com uma grande confiança em nós proprios, para o ressurgimento do país. Estamos no momento proprio. O povo é bom, o povo tem extraordinarias virtudes e saberá cumprir o seu dever. O nosso futuro pode ser risonho se trabalharmos. Não é obra para uma geração—é claro—mas é obra que temos força e qualidades para realizar. Tenha a certeza.»

"Nós somos a geração da crise"

«Sem por qualquer modo se abater a supremacia dos estados, devemos procurar modificar, na medida possivel, o direito de propriedade, de maneira a desoprimir os menos favorecidos, pela criação de um ambiente economico mais respiravel do que o actual. De resto esta momentanea perturbação estava positivamente prevista. Nós somos a geração da crise. A obra das democracias começará muito breve a frutificar com profusão».

O MAGESTOSO CORTEJO

Portugal presta a sua homenagem :-: suprema aos mortos gloriosos :-:

A trasladação dos restos mortais dos soldados desconhecidos atinge a maxima imponencia

Portugal acaba de prestar a sua homenagem suprema aos mortos gloriosos da Flandres e de Moçambique. O cortejo triunfal que do Congresso da Republica se organisou para a estação do Rocio, onde ficam depositados até amanhã os restos mortais dos dois herois anonimos, atingiu a maxima imponencia. A cidade inteira, que se espalhou pelas ruas do percurso, descobriu-se religiosamente á passagem dos herois.

Portugal vibrou; a alma da raça não morre. Falam mais alto esses dois cadaveres que vão ser conduzidos ao Mosteiro da Batalha e que são a propria encarnação da alma portuguesa.

As nações alliadas vieram comungar comnosco na glorificação dos humildes *serranos* que lhes foram prestar auxilio, defendendo a liberdade. A França mandou Joffre, o venerando marechal; a Italia, o generalissimo Diaz; a Inglaterra, o coronel Smitt Dorian e todas as nações amigas se fizeram representar hoje no cortejo magestoso, triunfal, imponente.

Honra e gloria aos soldados desconhecidos!

A cidade embandeirou-se toda hoje, para glorificar os mortos de Portugal. O movimento nas ruas foi espantoso, desde as primeiras horas da manhã. O comercio fechou todo. Passavam constantemente as forças que iam tomar parte no cortejo. Delegações militares, civis, de todas as cores politicas, de todas as categorias sociais, levando corôas, palmas, flores, encaminhavam-se para o largo das Côrtes. Andavam no ar os sons das marchas guerreiras, o toque dos clarins, todo o acordar de uma epopêa que já vem de longe.

A organisação do cortejo

Acumulam-se milhares de pessoas em frente do palacio do Congresso

Em frente do palacio do Congresso alinham-se as bandeiras da guerra; vão chegando a todo o momento á Avenida Wilson as delegações das varias unidades do exercito, da marinha, da guarda republicana, todas as delegações, que tomam os logares que lhes foram previamente reservados. Milhares de pessoas, muitos milhares, acumulam-se nas embocaduras das ruas, nas janelas, nos telhados, em toda a parte. No alto dos mastros engalanados tremulam bandeiras. Os oficiaes do couraçado hespanhol *Affonso XIII* são os primeiros a chegar, dos representantes estrangeiros. Seguem-se a missão italiana, os oficiaes francêses, belgas, os oficiaes generaes portugueses, os ministros, as altas individualidades da Republica, os representantes da Egreja, o mundo oficial em peso.

O cortejo vae-se organisando com dificuldade. Pela Avenida Wilson e rua 24 de Julho formam as tropas e as delegações, conduzindo cada uma destas a sua corôa, a sua palma, a sua homenagem. A policia mal pode conter a multidão que se comprime ao longo das ruas proximas.

O cortejo em marcha

As urnas dos soldados desconhecidos atravessam a cidade em triunfo

A' chegada do marechal Joffre em frente ao Palacio de S. Bento tocam os clarins em continencia. O cortejo vai começar a sua marcha. As bandas de musica entoam marchas guerreiras. Abre o cortejo com o regimento de cavalaria 2, um pelotão em guarda de honra, os clarins tocando a marcha de guerra. Vão em seguida a banda de musica da armada, os carros com corôas funebres, as mães, viuvas e orfãos dos mortos da Grande Guerra; os capelães militares, oficialidade de terra e mar, bandeiras, mais carros de palmas e corôas de triunfo, ladeados pelos gloriosos mutilados.

Seguem-se agora os dois armões que levam os restos mortais dos herois anonimos, sob as bandeiras de Portugal. Precedem-nos os generais portugueses que tomaram parte na guerra. Um pelotão da guarda faz a continencia militar. Os ferétros são seguidos pelo marechal Joffre, generalissimo Diaz, chefe das missões estrangeiras, oficiais ás ordens. E' a guarda de honra, imponente, magestosa.

Seguidamente, vão o representante do chefe do Estado, os presidentes das duas camaras, o governo, a magistratura, o funccionalismo publico, as corporações civis, o professorado, as crianças das escolas, associações literarias e scientificas.

Fecha o cortejo a cavalaria da guarda republicana, com todos os clarins na testa tocando á marcha de guerra.

A' hora do nosso jornal entrar na maquina o cortejo ainda não chegou á estação do Rocio.

Precauções policiais

Os srs. dr. Reis Junior e Alfredo Maria, respectivamente director e chefe da 3.ª secção da policia de investigação, já organizaram uma brigada de agentes daquela policia que hão de seguir para Leiria e Batalha, a fim de dar caça aos gatunos, que se preparam para aproveitar-se do entusiasmo nas homenagens ao Soldado Desconhecido para exercer a sua «industria».

O que ha hoje á noute

A's 21 horas realiza-se uma sessão solene na Universidade de Lisboa, assistindo o sr. Presidente da Republica, estando tambem convidados o Governo, corpo diplomatico e missões estrangeiras. Discursarão os professores da Universidade srs. drs. Eduardo Pimenta e Agostinho Fortes, os presidentes da direcção e assembleia geral da Federação Academica, sendo recitados versos originais do sr. João de Barros, pela aluna da Faculdade de Ciencias, sr.ª D. Brigida Sagres Ferreira.

—Tambem se realizarão sessões na Faculdade de Ciencias ás 21 horas e na Academia dos Recreios Artisticos, em favor dos mutilados á mesma hora.

Um jantar no palacio da Ajuda

Na proxima terça-feira o sr. presidente da Republica oferece no palacio da Ajuda, ás 21 horas, um jantar ao corpo diplomatico e missões estrangeiras.

Marechal Joffre

O marechal Joffre chegou ontem a Lisboa

Em frente do Avenida-Palace milhares de pessoas aclamam o heroe do Marne

O marechal Joffre chegou ontem a Lisboa. Não se apagará jámais da memoria do «reporter» a visão da sua chegada. A estação do Rossio contém a muito custo todo o mundo oficial, que está ali em nome do protocolo, e o mundo não oficial, constituido pela colonia franceza, antigos combatentes, curiosos que trepam ao tejadilho das carruagens, milhares de pessoas que se espalham por todo o ambito da estação. Os passageiros de um comboio que acaba de chegar ficam-se dentro da carruagem á espera do marechal.

O velho general Conde de Bomfim é alvo dos olhares de toda a assistencia.

Emquanto se espera, as notas da «Madelon» alegram o ambiente de anciedade que se respira ali dentro. Ha um apito mais prolongado, voltam-se todos os olhares para a entrada do tunel, e o comboio que conduz o marechal é recebido ao som da «Marselheza», por entre vivas delirantes, que a comoção mal deixa corresponder.

O marechal Joffre apeia-se da carruagem, recebe cumprimentos rapidos; comprime-se a multidão para o ver melhor e os soldados de Portugal que estiveram na Flandres abrem alas para ele passar.

Antes de chegar ao seu automovel, rompendo a custo a massa compacta de curiosos, protegido por dois cordões de officiais franceses que se dão as mãos, ha um soldado português que o quer abraçar, na comoção indisciplinada que o faz vibrar todo de entusiasmo.

Joffre mete-se rapidamente dentro do automovel; percebe-se que o velho marechal, sobre estar comovido, está cansado. E o automovel foge, com gente no estribo, no guarda-lamas, em qualquer ponto que nos dê a promessa de um apoio. O Rossio é um mar de gente; as janelas são pontos negros equidistantes na fachada da casaria. O automovel ganha a porta do Avenida-Palace, mas como é fechado, ninguem sabe que Joffre passou.

Quando o marechal assoma a uma das janelas do hotel, a multidão rompe numa salva de palmas calorosa, prolongada—palmas que traduzem bem o grande coração latino que os portugueses trazem dentro do peito e em que vai toda a nossa amizade pela França, sobretudo pela França da Guerra, grande, heroica, imortal.

Dois minutos de silencio. O marechal vai falar. Poucas palavras, como se desse uma ordem para avançar ao exercito do Marne:

—Saúdo Portugal em nome da França. Viva Portugal!

Reboam novamente as palmas, os vivas, os gritos que se não podem traduzir e Joffre retira-se, fazendo a continencia militar. Durante um quarto de hora continua a multidão a *pedir Joffre* em frente das janelas do hotel.

O marechal não resiste á tentação de uma poltrona; mostra-se satisfeito, comovido, quasi surpreendido.

Ultimas noticias

A' PASSAGEM DO CORTEJO

Um desastre na Ribeira Nova

Abatem alguns telheiros do Mercado, ficando muitas pessoas feridas

Cêrca das 15 horas começaram passando em direcção ao posto da Misericordia automoveis da Cruz Vermelha, conduzindo feridos. Uma parte da cidade ficou alarmada, assomando ás janelas caras anciosas que perguntavam o que se tinha passado.

Segundo as informações que nos foram fornecidas no posto de socorros da Misericordia, sabemos que no Mercado da Ribeira Nova a multidão trepara aos telheiros das barracas para vêr passar o cortejo dos Soldados Desconhecidos.

A certa altura, os telheiros vieram a baixo com o peso da multidão, sendo enorme o panico que se produziu.

Consta que os feridos sobem a 200, havendo muitos de gravidade.